

| Conto

SENHORA

Por João Matias de Oliveira

O coração impenitente resvalou um pouco do pó do cachimbo em cima da neta mais nova. Senhora, lívida dos anos, minha mãe. Os cabelos já andrajosos poluíam seu rastro pela casa e pelo espaço-tempo no que passávamos em frente do quarto dela, com o tremor de pouca idade escalando a espinha e o bater de portas por toda a casa ressonando fantasmas. Tínhamos medo dela. Indiferente, empuxa sua cadeira com a ponta dos dedos, e solta um verbo de saudosa inovação.

“Temporificar”. Muitas palavras para pouca expressão estragam nosso romance tácito. Foi melhor que “temporificar” surgisse assim em meio de uma baforada no cachimbo. Assim, na manhã de sábado acordadamente espalhando a fumaça com baforadas de vento – que não fumávamos. Quente, a mãe passou a mão em mim e na neta. Uma depois outra, subvertendo a ordem de nascituro. De cima para o mais baixo e depois para o apenas baixo – primeiro a neta, depois filha. Acariciou-a no braço onde caíram cinzas do cachimbo, quase pedindo desculpas. Mas silenciou com novo trago da fumaça.

Nós lhe fizemos a pergunta. Até o presente, a mãe calava irrespondível.

- Afinal, senhora, de quem tu nasceu?

Nós tínhamos um medo, a figura que gerou, cresceu, educou – nós duas, viu netinha. Um poder e força que faziam o vento assobiar. Eu com dezesseis, ela com dois. A senhora sabe – e não se enraiveceu –, eu a tive com quatorze, com um garoto da esquina. Aquele de esquina: ele parado na esquina, todos os dias, morando e, pois, vivendo, de papelão e tudo. Esquina de todos os ventos.

A senhora se rearranja, estica as vértebras, cruza a perna direita sobre a esquerda e admira o céu azul da cadeira de balanço. Com a netinha babujando o colo, finjo que não serei igual a ela. Medo sim, mas ela não foi mal. Nunca. Verteu ombros largos para me pegar nos braços quando machucada, amarfanhou-me no colo sempre que carente. Será que nasce de árvore? Ela abraça a Terra inteira com dois braços e não diz de onde vem.

No colégio da neta falam de árvore genealógica: cadê a vovó? Nunca tive. Temporificar é perder no tempo? A avó dos cadernos de educação da neta nunca apareceu, não se ouviu falar. Eu mesmo caio morta, quando a conhecer, então recém-descoberta, recém-órfã. Mesmo assim, não a chamaria senhora. Essa, só uma, que não manda, se obedece. Fria, mas quente. Sim, senhora.

- Senhora, por que está aqui?

Senhora de escravos, senhora de pastores, senhora de empregados, senhora de animais, senhora do marido e dos filhos: as acepções que me faziam olhar para o cabelo branco, pintado com o tempo e deixados os fios ao largo dos cômodos de casa, enrolando, formando bolas, tracejados de labiríntica compreensão – desato impossível. Devoção a um minotauro tão assustador? A própria Ariadne de chifres.

Eu fui pegar-lhe um copo d'água quando ela tossiu sangue. E continuava fumando. Tuberculosa? Impressão minha. Sentada no chão da varanda, pude vê-la nas pernas descarnada e então subir o olho para o corpo deformado com que se entregava relaxada sobre banhas mal contidas e ossos pontiagudos. A única suspensão, além da cadeira de balanço, jazia no ar frio da manhã, com o qual redescobri, nas análises corpóreas da exígua paciência com que me mantinha ali, ser a mãe mais velha que as outras mães.

- Senhora, você não é mais velha que minha mãe deveria ser?

Sussurrado tranqüilo, pausado, quase um ressona de cão indolente no tapete da sala: dos vagidos do pulmão mal atravessados na garganta sua resposta foi algo parecida com o verbo proferido ao mesmo vão de varanda: temporificar. Meu medo de ser como ela.

O pai, aquele homem de cabelos grisalhos e pele chocha no porta-retratos da cômoda, sorria. Bem atrás de todas três, mãe, filha e neta, de dentro do quarto da velha mãe. Morreu na guerra, a de quarenta e cinco – isso dizia a mãe. Eu tão nova, menor que o carocinho de goiaba dentro da mãe que não me concebia senão pela conjunção amorosa do velho grisalho e sorridente com a diva da cadeira de balanço. Andava com um e outro, junto da carne e perto da alma. Esperava aquela encarnação dentro da caixa de sapato da qual a mãe sempre me dissera, um dia, virem os filhos, até o nascimento da neta, de dentro desta barriga aqui. Erro de endereço?

Eu queria ver a guerra, estar para torcer pelo pai matar cinco soldados a um tiro só e enfiar o cano da espingarda nos alemães. Sem nascer, esperando na caixa de sapato – como dizia a mãe – pude ver somente poucas coisas acontecerem no mundo já desgraçado pelo tempo, levando o pai que não conheci e a festa da guerra cujos medos e contorções vívidas

de torcida eu perdi. Brincando, o matou, disse. Como? Sei lá, deixando de lhe obedecer. Uns gritos no quarto dos fundos. Tudo na vida são ordens.

Escrava de mim: outro copo d'água para um regurgitar de sangue e catarro. Não dela, que não pede, não roga, nem fala. Sou escrava de mim porque antes de pedir eu já o sei. Atendo às necessidades e vigio minha própria atenção para o ínfimo indício de precisão da velha mãe. Meu medo a quer na mesma posição pelo resto dos anos, em um mesmo lugar e à mesma sorte de as tossidas sangrentas serem atendidas por mim e nenhuma outra. Jamais a neta, que cuida da vida própria, agora brincando no chão com as bolas de borracha compradas no mercado. De dois anos, fala tanto quanto a avó.

“Temporifique”, menina – repito de mim para ela.

O pai no porta-retratos nos vigiava, aos três únicos da casa, e a ele rezávamos súplicas de perdão por não sei que ocorrido. A morte fora um mistério, porém a mãe cachimbava suas dúvidas se não fora ela quem o matou. Matado ou não, vivo ainda morto. O pai nos sorri do centro da cômoda para cá, na varanda do quarto de mamãe. Essa senhora dos sentidos, escrava somente de Deus, nos educa e faz a circulação dos pêlos embolados andar pela casa como as veias salientes cuja sanguinolência revive uma casa morta. Claro, ali vivíamos, eu, ela e a neta. E só.

Um relógio que não conta minuto, eis a melhor definição para a senhora da casa suspensa no ar pela cadeira de balanço.

Ela não sabe de onde veio, não lembra de nada. Eu espero desses ressonos arfantes com que cada hausto de ar carrega um pouco das pregas da alma que consiga ela enfim libertar-se de escapadela. E para todos os efeitos ainda guardamos na primeira gaveta da cômoda um porta-retratos só seu. Para todos os efeitos ainda temos este relógio que não conta minutos nem história.

Viro o copo deixado perdido no meio da cerâmica de piso.